

53
29/10/97
Padoxo / 15 de maio
658

“Não existe o mal em si”

■ Defesa de rapaz que matou índio cita até Santo Agostinho

JAILTON DE CARVALHO

BRASÍLIA — O menor G.N.O.J., um dos cinco rapazes acusados de terem incendiado o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, modificou ontem sua versão do crime, seguindo o exemplo dos amigos. Diante da juíza Leila Cury, do Tribunal do Júri do Distrito Federal (DF),

G. negou que o álcool tenha sido jogado “na calça” do índio, como havia afirmado antes. E também pediu que constasse em seu depoimento que tudo não passou de “uma brincadeira” baseada nas “pegadinhas” da televisão.

“A pegadinha não pegou”, rebateu, mais tarde, a promotora de Justiça Maria José Miranda. Para ela, a mudança de detalhes circunstanciais do crime não foi convincente e não diminui sua gravidade. Os quatro maiores de idade — Eron Alves de Oliveira, de 20 anos, Max Rogério

Alves, de 19, Antônio Noveli Cardoso de Vilanova, de 19, e Tomás Oliveira de Almeida, de 18 —, podem pegar até 34 anos de prisão.

“Não negamos a autoria. O que queremos mostrar é que não houve o dolo (intenção)”, argumentou Raul Livino, advogado de G. e outros. Ele disse que os rapazes vivem numa sociedade “desarmônica” e, por isso, não imaginaram as conseqüências da brincadeira. “Não existe o mal em si. O que existe é a ausência circunstancial do bem”, concluiu, citando Santo Agostinho.